

A ABERTURA DOS MISTÉRIOS

A cena era silenciosa, solene, quase primitiva. Aquela mão antiga, cerimonial, repetia um gesto que vem dos abismos do tempo, quando a humanidade ainda pressentia mais do que sabia. Ele te tocou como quem acende um segredo. Como quem chama à escuta e ao fôlego.

O gesto é simbólico e ancestral: abrir os ouvidos para ouvir o Verbo e as narinas para respirar o Espírito. Não é pouca coisa. É, em sua essência, uma iniciação. E quantas iniciações deixamos de viver por não percebermos que, em cada gesto, pode haver rito?

Esse momento primeiro – a abertura – não é apenas o início de uma vida religiosa ou a entrada num mistério sagrado. É também a metáfora de toda escuta verdadeira, de todo respiro que recomeça. Quantas vezes esquecemos que é preciso abrir-se para ouvir? Quantas vezes passamos pela vida respirando mecanicamente, sem jamais inspirar um mundo novo?

O sacerdote que toca as narinas e os ouvidos não está apenas santificando órgãos: ele está chamando à consciência. Está dizendo, com dedos antigos e firmes: “Escuta o mundo. Inspira o invisível. Deixa entrar.”

Nos tempos modernos, somos filhos do ruído e netos da pressa. Ouvimos demais e escutamos de menos. Respiramos, mas quase nunca nos damos conta de que respirar é comungar com a vida. Talvez nos falte um sacerdote simbólico – ou real – que toque de novo nossos sentidos e nos lembre do que é essencial.

Na Grécia antiga, a iniciação nos mistérios exigia o silêncio. Em certos ritos egípcios, o neófito precisava atravessar câmaras escuras antes de chegar à luz. Em todos os casos, havia um momento liminar: a abertura. Não se tratava de abrir apenas portas ou pergaminhos, mas o próprio ser.

A criança batizada – e tocada – nesse rito antigo recebe, sem saber, a carga de séculos de sabedoria. Mas não só crianças. Quantos de nós, adultos exaustos e céticos, não precisaríamos reaprender a ser iniciados? A começar do início. A aceitar que ouvir pode ser mais importante que falar, e que respirar é mais do que sobreviver.

Hoje, talvez o sacerdote seja a arte. Ou a poesia. Ou uma conversa profunda à beira de um café amargo. Talvez o gesto que abre os ouvidos e narinas esteja na escuta atenta de um amigo ou no instante em que um livro nos sussurra uma verdade que estávamos esquecendo.

A abertura é um convite. É um sopro. Um toque sutil. E, no entanto, ela pode mudar tudo. Pode nos devolver ao mundo – não como autômatos, mas como seres despertos.

E tu? Já te deixaste abrir? Já escutaste o que há por trás do ruído? Já inspiraste o mistério?

Quem sabe hoje mesmo, quando menos esperares, um sacerdote – disfarçado de música, de vento, de saudade – toque teus ouvidos e tuas narinas, e celebre de novo, contigo, o mistério da abertura.